

Conversas infinitas: o cinema em processos formativos

Endless conversations: cinema in formative processes

Conversaciones infinitas: el cine en procesos formativos

Leandro Belinaso - Universidade Federal de Santa Catarina | Centro de Ciências da Educação, Departamento de Metodologia de Ensino | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: lebelinaso@gmail.com |



Alessandra Collaço da Silva - Universidade Federal de Santa Catarina | Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: ally.collaco@gmail.com |

Resumo: O texto abre uma conversa entre um pesquisador e uma pesquisadora interessados nas relações entre o cinema e a educação. Examina os entendimentos que perpassam suas pesquisas e seus atos docentes, suas atenções mais atuais quando se trata de acionar um filme em uma prática pedagógica. O ensaio apresenta um cardápio de referências que move os pensamentos do/a pesquisador/a, a respeito, especificamente, do encontro do cinema com a educação. Diferentes ficções políticas são postas em diálogo, abrindo perspectivas e pontos de partida distintos. Trata-se de um texto-conversa, desprezioso, mas interessado em fomentar reflexões sobre o tempo presente, sobre as potencialidades dos filmes em processos formativos. A conversa passa por questões relativas à autoria, à história do cinema, ao afeto, às dimensões éticas e estéticas da formação, ao tempo presente. Ao fim do ensaio, abrem-se breves comentários sobre alguns filmes assistidos pelos autores durante a pandemia, desejando refletir sobre como este contexto interfere em itinerários de leitura.

Palavras-chave: educação; cinema; formação de professores.

Abstract: The text opens a conversation between researchers interested in the relationship between cinema and education. It studies the understandings that permeate their research and actions as teachers, their current care in using a film in a pedagogical practice. The essay presents a menu of reviews that moves the researcher's thoughts, regarding, specifically, the mindset of cinema and education. Different political stories are brought into discussion, opening different perspectives. It is a text-conversation, unpretentious, interested in evoking reflections on the actuality, on the potential of integrating films into educational processes. The conversation goes through issues related to authorship, to the cinema's history, affection, the ethical and aesthetic dimensions of training, to the present time. At the end of the essay, there are brief comments on some films watched by the authors during the pandemic, wishing to reflect on how this context influences reading roadmaps.

Keywords: education; cinema; teacher training.

Resumen: El texto abre una conversación entre un investigador y una investigadora interesados en las relaciones entre el cine y la educación. Examina los raciocinios que impregnan sus investigaciones y sus acciones como docentes, sus cuidados actuales al utilizar una película en una práctica pedagógica. El ensayo presenta un repertorio de reseñas que activan los pensamientos del/de la investigador/a, específicamente, con relación al encuentro del cine con la educación. Son colocadas en discusión diferentes ficciones políticas, abriendo perspectivas, puntos de partida, diferentes. Es sobre un texto-conversación, sin pretensiones e interesado en provocar reflexiones sobre la actualidad, sobre el potencial de las películas en procesos formativos. La conversación pasa por situaciones concernientes a la autoría, a la historia del cine, al afecto, a las dimensiones éticas y estéticas de la formación, a la actualidad. Al final del ensayo, se abren comentarios concisos sobre algunas películas vistas por los autores durante la pandemia, anhelando reflexionar sobre la influencia de este contexto en ruterros de lectura.

Palabras-clave: educación; cine; formación de profesores.

- Recebido em: 18 de novembro de 2021
- Aprovado em: 27 de fevereiro de 2022
- Revisado em: 12 de maio de 2022

1 Leandro: Gostaria de iniciar ponderando minha relação com o cinema. Meus encontros com o cinema na infância e na juventude foram comentados em um ensaio que publiquei anos atrás chamado *Como escrever com os ruídos do mundo* (BELINASO, 2016). Em um outro texto que sairá em breve, narro os trabalhos que fiz, nas últimas duas décadas, com o cinema em práticas pedagógicas de educação ambiental. Eu me surpreendi com o tanto de coisas que tinha para contar. Na minha cabeça, eu vinha me dedicando muito mais às relações da literatura, da escrita, da fotografia, do jornalismo, com a educação ambiental.

Sempre trouxe o cinema para a sala de aula. É uma delícia criar modos diferentes de fazer os filmes atuarem nos espaços de formação docente. Meu olhar, meu corpo de pesquisador, está muito nutrido pelos estudos culturais. Talvez por isso meu maior esforço ao longo de todos estes anos dedicados à formação de professores tenha sido o de alimentar leituras críticas das imagens fílmicas em práticas pedagógicas. E ampliar repertórios estéticos. Nunca fiz trabalhos com a produção, embora tenha orientado pesquisas, de iniciação científica e de mestrado, que criaram filmes. Também já organizei mostras de cinema, sobretudo sobre o cinema ambiental. A última foi em 2015, em comemoração aos setenta anos das bombas atômicas lançadas no Japão em 1945. Pelo que conheço do seu trabalho, Ally, ensinar cinema é algo muito importante para você. Sua dissertação de mestrado termina propondo oficinas de cinema integradas ao currículo escolar. Mais recentemente, sei que você vem se dedicando a pensar no cinema feito por mulheres. Gostaria de saber um pouco mais sobre isso, sobre tuas atenções mais recentes.

1 Ally: Então, Leandro, meu percurso na educação começou há 13 anos, enquanto eu ainda era graduanda de Cinema, pois entrei na faculdade querendo fazer meus filmes, mas saí querendo ensinar a fazer. Como colocar filmes autorais num mundo dominado pela narrativa clássica hollywoodiana? Entendi que precisava atuar com formação de público primeiro, com oficinas de produção audiovisual, abrindo espaço, mesmo que a passos de formiga, para um olhar mais crítico, reflexivo e aberto às diferentes narrativas cinematográficas. Fui professora numa disciplina curricular de cinema, numa escola privada, durante esse tempo; então, no Mestrado (SILVA, 2012), procurei fundamentar tudo que eu testei intuitivamente, entre erros e acertos, fazendo da sala de aula um grande laboratório, para ajudar quem também quisesse atuar com cinema na educação, com a abordagem da produção audiovisual. Na época, tive dificuldade em encontrar materiais e caminhos possíveis, então fui testando de tudo. A hipótese cinema do Alain Bergala (2008) e seu *Minuto Lumière* me inspiraram bastante, pois ele defende uma iniciação ao

cinema. Uma aproximação inicial. E nessa constante busca por materiais, fui descobrindo conteúdos que não tive na universidade, como os filmes de uma grande pioneira do cinema, a Alice Guy. Saber que o cinema que conhecemos hoje também teve a participação inovadora de mulheres, trouxe-me questões sobre as quais eu não pensava antes. Por que os livros de história do cinema não falam nelas? Por que eu não me perguntava sobre isso no curso de cinema? Por que não as aprendi na faculdade? Desde 2016, venho então incluindo o nome da Alice Guy nas aulas e oficinas de cinema que ministro, muito focadas na origem do cinema.

E em 2020, no meio da pandemia, criei o Coletivo Cinema de Meninas (ALLY COLLAÇO, 2020), com o intuito de aproximar meninas do cinema da pioneira Alice Guy. Fizemos experimentos iniciais com a linguagem cinematográfica, em encontros virtuais semanais, usando um grupo de WhatsApp, e, ao longo de oito encontros, com cerca de uma hora de duração, construímos quatro audiovisuais colaborativos. Foi incrível o potencial de apresentar para quatro meninas, entre oito e onze anos, a história, técnica e linguagem do cinema, usando só os filmes da Alice Guy. Algumas obras de sua filmografia fazem provocações à sociedade patriarcal da época, por trazerem questões do mundo da mulher, tais como papéis de gênero na sociedade, visto no curta *As consequências do feminismo* (1906), os pudores e despudores de uma grávida no curta *A madame tem desejos* (1907), e sobre concepção e maternidade no *A fada dos repolhos* (1896). Apesar de terem sido feitos há mais de 100 anos, possuem questões ainda não superadas na sociedade atual, o que os torna interessantes de serem revisitados e discutidos.

Acho que o cinema tem essa possibilidade de fazer convergir múltiplas linguagens, dar vida às ideias, universos, histórias e personagens, e se aproximar ao máximo do mundo fora das telas. Descobri Alice Guy vendo o documentário *E a mulher criou Hollywood* (2016), de Julia e Clara Kuppenberg, por exemplo, pois nos livros de história do cinema que estudei na graduação, ela não constava. A professora e pesquisadora Karla Holanda (2019) organizou e publicou um livro em 2019 sobre mulheres pioneiras do cinema, sendo considerado o primeiro livro no Brasil nesse assunto. É um resgate ainda muito recente.

O cinema nos ajuda a fazer leituras de mundo, ressignificar a história, pensar questões antes não pensadas, projetar nossas emoções para entendê-las, e até nos distrair um pouco, quando o peso da realidade está difícil de suportar. Na sua experiência, Leandro, como você acha que o cinema pode contribuir na formação docente? Sabendo que a sua formação inicial é em biologia e você leciona para graduandos dessa área, como você aproxima o cinema das aulas, pensando também nas questões ambientais?

2 Leandro: A meu ver, você faz um instigante percurso de pesquisa ao procurar na história do cinema filmes realizados por mulheres. Você aponta, ao menos ficou essa sensação, que a prática cinematográfica foi, ao longo do século XX, o século do cinema, bastante masculina. Tenho poucos elementos para discutir essa questão. Entretanto, fico imaginando se certa invisibilidade das diretoras, das realizadoras, também se espalha para os demais setores da produção fílmica. Quantas mulheres estão trabalhando na edição de som, de fotografia, por exemplo, nos próprios filmes dirigidos por mulheres?

Entrando nas questões que você me deixou, costumo pensar a atuação do cinema nas práticas pedagógicas que crio menos como processos formativos relativos às políticas de identidade, às questões de empoderamento ou de denúncia social. Gosto mais da indagação sobre o que uma imagem nos permite viver e sentir. Talvez eu esteja mais mobilizado, nos últimos anos, quando aciono o cinema em minhas aulas, a pensar no afeto, na criação possível de uma novidade nos nossos horizontes do sentir.

Nas aulas de biologia, filmes comumente são acionados para ilustrar um assunto de aula, para afirmar certos entendimentos científicos. Por isso, documentários são bastante privilegiados. Muitos desses filmes documentais carregam uma aura de verdade em suas narrativas, sobretudo aqueles que narram a vida selvagem. Nós espectadores temos poucas chances de nos imiscuirmos em suas histórias. Elas nos chegam prontas. Os filmes tornam-se espécies de cartilhas pedagógicas. Contudo, o chamado cinema ambiental se ampliou muito nos últimos anos, se descolou de uma noção romântica ou utilitária da natureza e se diversificou. Essa profusão diferencial de filmes que narram o ambiente sempre me interessou muito, embora eu nunca tenha investigado mais densamente isso.

Acompanho um pouco as pesquisas da área de ensino de biologia e posso afirmar que há trabalhos, como os da professora Lucia Estevinho (UFU), para citar ao menos uma pesquisadora, que pensa o cinema como uma oportunidade de viver, através de uma prática pedagógica, uma experiência de alteridade, ampliando gostos e estranhando pontos de vista.

Costumo me aliar, em meu trabalho, a estes entendimentos do cinema como uma abertura às formações ética e estética no ensino de biologia. Parece um contrassenso, uma quase impossibilidade, essa aliança entre o cinema (a arte) e o ensino de biologia (a ciência). Talvez seja, mas insisto em experimentar aproximações cambaleantes e provisórias.

2 Ally: Além do Coletivo Cinema de Meninas, também fiz parte do Coletivo Cinema de Mulheres, em 2020, onde estudamos o cinema feito por mulheres, começando por diretoras, mas também pensando e conversando sobre outras funções ocupadas por mulheres na produção cinematográfica. O que estamos descobrindo, com esse movimento recente de resgate das mulheres pioneiras, é que existiram muitas mulheres na produção cinematográfica ao longo do tempo, em diferentes funções, mas foram pouco estudadas ou documentadas em livros. O último filme que assistimos, por exemplo, foi *Retrato de uma jovem em chamas* de Céline Sciamma (2019), que apresenta uma história de amor proibido entre duas mulheres, de um jeito muito delicado e respeitoso com os corpos das atrizes. Boa parte da equipe foi composta por mulheres, e a diretora de fotografia, Claire Mathon, fez um trabalho belíssimo na composição de cada plano. É um filme mergulhado na estética renascentista, com elenco quase todo composto por mulheres, e extremamente cuidadoso do começo ao fim.

Como pesquisadora e mulher, acho fundamental dar visibilidade às histórias não contadas de mulheres cineastas. Por que, senão nós, quem vai fazer isso? Essa é uma questão para pensarmos.

3 Leandro: Muito instigantes seus trabalhos e interesses formativos com o cinema, sua militância. Bonito ver você se dedicando a uma luta com tanto envolvimento. Não costumo acionar repertórios culturais pelas figurações representativas de classe, gênero, raça ou lugar que eles, eventualmente, demarquem. Meu encontro com os filmes passa mais pelo afeto, como destaquei anteriormente. Minhas escolhas também. Penso em política, inspirado em Jacques Rancière (2005), como a agência de criações sensíveis de mundos porvir.

Assumo haver três movimentos formativos diferentes em meus trabalhos nos últimos anos com o cinema. Vou exemplificá-los brevemente. Lamento se ficar, aos olhos do leitor, um tanto quanto esquemáticos. Cada um exigiria um desmembramento próprio. Talvez um ensaio específico.

Meus alunos de graduação têm sido convidados a preparar e ministrar, com um filme, uma oficina de perfuração de estereótipos. Eles elegem, antes de tudo, um estereótipo a ser problematizado. Juntos, fazemos uma curadoria de filmes que poderiam contribuir com este exercício crítico. As séries têm sido incluídas pelos estudantes. Para perfurar um estereótipo costuma ser importante fazer os sentidos variarem, produzir diferença e escuta. Estereótipos

funcionam, comumente, através de processos de simplificação, de jogos discursivos operados através de binarismos. Há oficinas incríveis realizadas. Um dia escreverei um ensaio sobre elas.

Um segundo movimento da relação do cinema com meus atos docentes diz respeito à busca por filmes que lidam com o ambiente, com a paisagem. Isso em razão do meu trabalho de quase trinta anos com a educação ambiental. Nos últimos anos tenho estado em busca de filmes em que os não humanos assumem uma agência na narrativa. Filmes que construam a paisagem como uma personagem.

Por fim, um terceiro movimento diz respeito a acionar o cinema para adensar os conceitos que trabalho em minhas pesquisas, em minhas aulas. Na minha última investigação, encerrada em 2019, trabalhei com as noções de ficção e de gambiarra para pensar as relações entre a imagem e a escrita em processos formativos. Dois filmes que me ajudaram a compor um entendimento do conceito de gambiarra (SILVEIRA; GUIMARÃES, 2018) foram *Era o Hotel Cambridge* (2016), de Eliane Caffé, e *Cafarnaum* (2018), de Nadine Labaki.

É, portanto, uma questão, um conceito, uma pergunta, uma aula que costuma me levar ao encontro de um filme e acioná-lo em minhas práticas pedagógicas. E como já afirmei, levo em consideração o afeto (CRISPE, 2014, 2015) em minhas escolhas. Meu ponto de partida não costuma ser as presumidas identidades do realizador ou da realizadora. Entendo que todos nós podemos declinar, rasurar, escapar, transgredir (mas, também, afirmar, consolidar) lugares identitários que nos são histórica e culturalmente impostos. Além disso, considero fundamental diferenciar autor, narrador e personagem, mesmo que possam haver pontos de contaminação entre eles.

Quando assisto um filme, costumo prestar atenção no meu corpo. No que sinto no encontro com a imagem. E se o filme mexe comigo, já penso em armar uma aula interessante com ele. Não consigo fazer a docência parar de atuar em mim. Algumas vezes, é uma questão de injustiça social que me comove em um filme. Em outras, na maioria delas, é um simples silêncio, um gesto, um olhar, uma paisagem, uma cena, um som, um objeto, que me leva a fazer do filme um dispositivo artístico para as minhas aulas.

Quem sabe pensamos, agora, Ally, nos filmes vistos durante a pandemia. Quais mexeram mais no nosso desejo de acioná-los em uma prática pedagógica?

3 Ally: Fiquei pensando nessa questão que você colocou das escolhas pelo afeto, e me lembrei de um texto da Luciana Esmeralda Ostetto (2003) sobre a importância de

problematizarmos nossos gostos, que são fruto das referências que acessamos e conhecemos, e como os espaços formativos, por exemplo, precisam proporcionar o encontro com o diferente, com o desconhecido, para que esse leque se amplie, então, cabe perguntar, o que nos faz escolher um filme para assistir? O que nos move para assistir esse filme e não aquele? Na pandemia, e com todo esse movimento de expansão que vivo no início do doutorado, faço um esforço de ir ao encontro do novo, do desconhecido, selecionando filmes que habitualmente não veria. Descobri a mostra Cinekurumin - Festival Internacional de Cinema Indígena (CINE KURUMIN, 2020), em 2020, e assisti uns três curtas¹ dirigidos e encenados por indígenas e não-indígenas. Há alguns anos, buscar um filme realizado com direção indígena não era uma questão pra mim, assim como criar o critério de checar se o filme foi dirigido por uma mulher. Hoje, são critérios que atravessam a ligação afetiva com o filme, por me permitir conhecer. Não preciso gostar ou torná-los favoritos, mas ao conhecer, amplio meu repertório e busco cada vez mais o contato com o desconhecido dentro do cinema. A graduação já provocava esse movimento em mim, conhecer o diferente, questionar meus gostos e desconstruí-los. Se isso não tivesse acontecido, possivelmente ainda estaria consumindo apenas os blockbusters de Hollywood.

Como tenho filha pequena (fora da escola por meses), a maioria das vezes em que consegui ver algum filme na pandemia, fazia parte do universo cinematográfico infanto-juvenil, então assisti alguns longas interessantes, e outros nem tanto. Ainda bem que é uma filmografia que adoro! A animação hollywoodiana *Soul* (2020) me cativou bastante, por trazer um protagonista negro (algo ainda inédito para Disney e Pixar) em conflito com a sua existência, e que é belíssimo. O longa traz a reflexão de que a vida é pra ser vivida e se encontra geralmente nas “inutilidades e desimportâncias”, como diria Manoel de Barros. Outra animação que me tocou foi a produção húngara *Lendas do Lago: Willy e os guardiões do lago*, dirigido por *Zolt Pálfi* (2018), que apresenta uma fábula sobre um povo de elfos verdes que trabalha coletivamente para sobreviver às quatro estações, mas que faz alusão à lógica capitalista da exploração e colonização, ressaltando a importância dos saberes dos povos originários. Achei curioso o fato de esta produção ser da Hungria, uma parte menos “nobre” da Europa com a qual estamos pouco acostumados a ter contato.

¹ Os curtas-metragens assistidos foram: *Teko Haxy - ser imperfeita*, de Patrícia Ferreira e Sophia Pinheiro, que desconstrói a lógica cinematográfica explorando avessos, e contrastando a existência indígena e não-indígena na relação entre duas mulheres. O curta-metragem peruano *Carlito se va para sempre*, de Quentin Lazzaratto, que explora o silêncio para falar de sexualidade. E também assisti o curta-metragem chileno *Vishitiri*, de Patricio Quinteros Allende, que relaciona a velhice à infância.

Já dos poucos filmes adultos que consegui assistir, um que me marcou muito na pandemia foi o francês *Turista especial* (*La belle verte*), da diretora Coline Serreau (1996). Ele apresenta uma narrativa que problematiza o nosso modo de vida capitalista, e combina muito bem com dois livros do Ailton Krenak lançados na pandemia, *O amanhã não está à venda* (2020a) e *A vida não é útil* (2020b). Não tive oportunidade ainda de usá-lo em alguma aula, mas certamente usaria o filme e os textos para discutirmos nosso atual modo insustentável de vida.

Outros dois trabalhos que gostaria de comentar é a série *Homemade* (2020), organizada pelo chileno Pablo Larraín, que convidou cineastas do mundo todo em situação de confinamento, durante a pandemia global, a filmarem histórias sobre o confinamento. A criatividade e simplicidade de muitos dos curtas me instigou e serviu de base para as produções colaborativas das experiências em formato remoto que citei acima.

E por fim, adorei o documentário *O começo da vida 2: lá fora*, da Renata Terra (2020), que apresenta pesquisadores do mundo todo falando sobre a importância de as crianças terem contato com áreas verdes, para quererem preservá-la e se desenvolverem de forma integral: corpo, mente e espírito.

Acho que minhas escolhas dialogam muito com a educação ambiental, não é mesmo? Estou aqui sorrindo ao me dar conta disso. Não sou da biologia, mas a biologia parece ‘gritar’ em mim. Falam de existências, modos de vida sustentáveis e insustentáveis, infância e criação.

Fiquei curiosa com as suas escolhas. O que te tocou afetivamente e que te fez pensar em aulas? Como acontecem essas aulas ou aconteceram durante a pandemia?

4 Leandro: Vi alguns dos filmes que você comentou. *La belle verte* (1996) eu já acionei em um projeto formativo com estudantes de graduação realizado em uma escola pública de Florianópolis em 2017. Ainda não escrevemos sobre este trabalho. Os demais tomei nota e vou procurar assistir. Agradeço as indicações e imagino que nossos leitores também ficaram com vontade de ver e pensar com os filmes que você apresenta.

Como professor, também costumo colocar meus gostos à prova. Fazê-los variar. Isso me leva a desejar encontros com diferentes filmes. Mas gostaria de pontuar que o cinema experimental mexe pouco comigo. Esse cinema que prescinde de contar histórias me emociona pouco. Sou um apaixonado pela narrativa.

Dois filmes que revi durante a pandemia e que me fizeram escrever, rascunhar pensamentos, foram *Paris, Texas* (1984), do Win Wenders, e *Profissão: Repórter* (1975), do

Michelangelo Antonioni. Filmes incríveis com personagens maravilhosos. Em ambos, a paisagem é acionada para adensar uma sensação de solidão, de incomunicabilidade. E isso, a meu ver, é fabuloso na construção narrativa. Ficamos sedentos, desde o começo dos filmes, de suas imagens desérticas, em saber mais sobre os personagens, sobre suas dores, seus silêncios, seus desejos de fuga. E o que conseguimos apreender são apenas rastros. Os personagens permanecem inapreensíveis em seus mistérios. As imagens são tocantes em narrar a fragilidade, o desamparo. Para mim, são filmes que emocionam em seus planos longos e lentos, suas belíssimas fotografias.

Encerro minha participação neste texto-conversa com esses dois filmes. Eles me pedem um pouco de silêncio. Gostaria de finalizar assim, com a lembrança da cena final de *Paris, Texas*, sua música, sua cor, sua emoção. Obrigado pela conversa.

4 Ally: Que bonito, Leandro. Acho que encerro também com a cena final do meu filme favorito, a animação nacional *O menino e o mundo*, de Alê Abreu (2015), e a importância de esperarmos na educação e enquanto humanidade. Consigo ouvir a flauta doce tocando, as bolhas de sabão coloridas invadindo a tela, os risos das crianças e a palavra ‘airgela’ ressoando dentro e fora de mim. Obrigada pela conversa!

Figura 1 - Cena de “O menino e o mundo”.



Fonte: O MENINO e o mundo. Direção e roteiro de Alê Abreu. Brasil, 2015. (80 min).

Referências

- ALLY COLLAÇO. **Ally Collaço na TV Mostra falando sobre o Coletivo Cinema de Meninas (2020)**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.allycollaco.com/coletivo-cinema-de-meninas.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BELINASO, Leandro. Como escrever com os ruídos do mundo? *In*: CHAVEZ, Silvia; BRITO, Maria dos Remédios de (org.). **Formação, ciência e arte: autobiografia, arte e ciência na docência**. São Paulo: Livraria da Física, 2016. p. 89-102.
- BERGALA, Alain. **A hipótese cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink, Cinead/LISEFE/UFRJ, 2008.
- CAFARNAUM. Direção de Nadine Labaki. São Paulo: Sony Pictures Brasil, 2018. (120 min).
- CINE KURUMIN. Festival Internacional de Cinema Indígena. 8. ed. Salvador: Espalha Semente, Cinekurumin, 2020. Disponível em: <https://cinekurumin.org/>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- O COMEÇO da vida 2: lá fora. Direção de Renata Terra. Pernambuco: Maria Farinha Filmes, 2020. (92 min).
- AS CONSEQUÊNCIAS do feminismo (Les résultats du féminisme). Direção de Alice Guy. França: Gaumont Film Company, 1906. (7 min).
- CRISPE, Juliana. Cartografias afetivas. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil), Campinas, v. 27, p. 107-111, 2015.
- CRISPE, Juliana. Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 30, p. 106-130, 2014.
- ERA o hotel Cambridge. Direção de Eliane Caffé. São Paulo: Aurora Filmes, 2016. (93 min).
- A FADA dos repolhos (La fée aux choux). Direção de Alice Guy. França: Gaumont Film Company, 1896. (1 min).
- HOLANDA, Karla. (org.). **Mulheres de cinema**. Rio de Janeiro: Numa, 2019.
- HOMEMADE. Organização de Pablo Larraín. EUA: Netflix, 2020. (126 min).
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- LENDAS do Lago: Willy e os guardiões do lago (Willy and the Guardians of the Lake). Direção de Zsolt Pálfi. Hungria: Cinemon Entertainment, 2018. (75 min).
- A MADAME tem desejos (Madame a des envies). Direção de Alice Guy. França: Gaumont Film Company, 1907. (4 min).
- O MENINO e o mundo. Direção e roteiro de Alê Abreu. Brasil, 2015. (80 min).
- E A MULHER criou Hollywood (Et la femme crée Hollywood). Direção de Julia Kupenberg e Clara Kupenberg. França: OCS Géants, 2016. (52 min).
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Mas as crianças gostam! Ou sobre gostos e repertórios musicais. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26, 2003. Poços de Caldas. **Anais [...]**. Poços de Caldas: Anped, 2003.
- PARIS, Texas. Direção de Win Wenders. Los Angeles: 20th Century Studios, 1984. (147 min).

PROFISSÃO: repórter. Direção de Michelangelo Antonioni. Itália: Metro-Goldwyn-Mayer, 1975. (126 min).

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EIXO experimental; Editora 34, 2005.

RETRATO de uma jovem em chamas (Portrait de la jeune fille en feu). Direção de Céline Sciamma. França: Supo Mungam Films, 2019. (120 min).

SILVEIRA, Eduardo; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Gambiarras inventivas de ambientes. *In*: Paula Corrêa Henning; Andresa Mutz; Virgínia Tavares Vieira. (org.). **Educações ambientais possíveis**: ecos de Michel Foucault para pensar o presente. Curitiba: Editora Appris, 2018.

SILVA, Alessandra Collaço da. **Arte, mídia e cinema na escola: um ensinar que (me) ensina!**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SOUL. Direção e roteiro de Pete Docter. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2020. (101 min).

TURISTA especial (La belle verte). Direção de diretora Coline Serreau. França: Filmes de Alain Sarde, 1996. (99 min).